

ZONAS SOCIAIS DO ESTADO DE MINAS GERAIS (*)

EDGARD DE VASCONCELOS BARROS

(Professor de Sociologia Rural da ESAV)

O sentido regional que os sociólogos americanos vêm imprimindo, nestes últimos tempos, às suas pesquisas, já começa, felizmente, a refletir em nosso meio, permitindo-nos um conhecimento mais objetivo, mais concreto e mais seguro da *realidade social*. Até aqui as nossas preocupações de ordem sociológica não se haviam libertado ainda do *academicismo teórico* que fazia da Sociologia uma ciência de *teses abstratas* e de *leis imaginárias*. A prova disso está em muitos dos nossos compêndios escolares, nos quais a Sociologia não passa de uma ciência em que se estudam *escolas, autores e doutrinas*, sem nenhuma preocupação de natureza prática ou aplicada. Com isso ficava estéril a grande importância dos *estudos sociais* introduzidos, em boa hora, nos *currículos escolares*. A Sociologia era estudada em *tese*, e os alunos, depois de terminado o curso, continuavam sem olhos para ver a *realidade social*, com os seus problemas gritantes, que ainda hoje aí estão exigindo de nós uma colaboração patriótica, ao lado dos poderes constituidos.

A especificidade do fenômeno sociológico, que em cada parte se apresenta com características próprias, levou os americanos à convicção de que cada *problema* deve ser estudado de per si, sem ser destacado, propriamente, do seu complexo de relações. E o novo critério introduzido no estudo dos problemas sociais, longe de nos levar a um conhecimento *fragmentário da realidade*, facilita-nos, grandemente, a interpretação de certos fenômenos, conduzindo-nos por sua vez, a conclusões mais seguras. Essa mudança de nossos estudos, em nossas pesquisas sociais, é de molde a permitir-nos esperanças mais promissoras na Sociologia, como ciência.

Laboratório para estudos de Sociologia regional

O Brasil, com a sua extensão territorial imensa é, neste particular, um país que se presta grandemente para estudos de Sociologia regional. Pois é bem difícil encontrar para um mesmo problema soluções que se ajustem perfeitamente às exigências de duas ou mais regiões dentro do território nacional. Daí a sábia orientação de alguns dispositivos le-

(*) Publicado na revista «Cultura Política» nº. 10

gais do «Estado Novo», nos quais são respeitadas as «diferenças regionais». A prova disso está, por exemplo, no decreto que criou a Escola Nacional de Agronomia, estabelecimento padrão, pelo qual deverão organizar-se os institutos congêneres do país, *respeitadas as diferenças regionais*. Isso nos mostra que a própria agricultura, base econômica, de toda a vida nacional, tem as suas características próprias de acordo com a *fisionomia geográfica ou cultural* de algumas *áreas*. Ora, essas diferenças regionais são importantíssimas e devem ser encaradas como dados concretos para a solução dos nossos problemas. Ao lado das linhas gerais, é necessário considerar, pois, as particularidades para que o ajustamento final da medida, a ser imposta, seja mais perfeito e corresponda melhor às nossas expectativas. E é neste particular que o presidente Getúlio Vargas se tem revelado um administrador de larga visão sociológica.

As leis sociais do Estado Novo, fruto desta sábia orientação, mostram-nos, pelas medidas que sugerem, a segurança do critério que tem presidido à sua elaboração. E é graças a isso que já se vão processando as necessárias revisões nos métodos empregados até aqui para solucionamento de muitos dos nossos problemas. Ao lado, porém, dessas medidas de caráter oficial, torna-se necessário, entre nós, o aparecimento desse corpo de pesquisadores que, independentemente do apoio governamental, tanto têm contribuído, em outros países, para a explicação e para a solução dos *problemas sociais*. Felizmente, esses pesquisadores já começam a aparecer, e a atividade inteligente que vêm exercendo, no sentido de vulgarizar conhecimentos sociológicos, nos leva a crer que muito breve possamos apresentar soluções mais racionais e mais seguras para as nossas questões.

Em Minas Gerais, por exemplo, a divisão arbitrária do Estado nas três grandes áreas, denominadas: zona da mata, zona do campo e zona sertaneja, sofreu, em boa hora, u'a modificação de cunho mais científico e mais lógico. E é assim que os mapas agro-pecuários, organizados pela Secretaria da Agricultura do Estado, apresentam agora o território mineiro dividido em nove zonas, cada qual com as suas características próprias de produção.

A divisão do Estado em zonas agro-pecuárias

Essa divisão do Estado em zonas agro-pecuárias com características econômicas próprias, significa um passo dado, a mais, no sentido de u'a melhor compreensão da nossa realidade social. Dos estudos econômicos dessas zonas, facil-

mente se poderá chegar a interpretações sociológicas mais seguras. E quem as examina descobre, logo, que cada uma delas corresponde a uma *zona social própria*, com uma base econômica específica.

Nossos estudos de sociologia rural, abrangendo em Minas Gerais todas essas zonas, nos sugeriram um plano de estudos que poderia ser levado a efeito com grande utilidade prática, se dispuzéssemos, em cada município, dos necessários meios de informação para os trabalhos dessa natureza. Infelizmente, porém, somos obrigados a deter-nos em considerações gerais sem podermos adiantar qualquer afirmação, nesse sentido, por nos faltarem os dados concretos necessários ao equacionamento dos diversos problemas sociais, existentes nestas regiões.

No entanto, interessantes pesquisas poderiam ser empreendidas em cada uma dessas áreas que nos oferecem, não só particularidades econômicas próprias, mas também características culturais e ecológicas, de grande importância, hoje, para a sociologia regional.

Estas diferenças ecológicas e culturais que se notam nas zonas do centro, do norte, do nordeste, do leste, da mata, do oeste, do sul, do noroeste e do triângulo, são tão evidentes que o viajante, por mais despreocupado que seja, ao percorrê-las não pode deixar de registrá-las com uma certa admiração.

Núcleos com expressão social própria

Vivendo em função da terra, os núcleos de população dessas zonas têm, cada qual, a sua expressão social própria, que pode ser identificada no menor gesto ou na menor atitude. A extrema variedade de hábitos pessoais ou de costumes locais dá a essas regiões um colorido próprio e aos seus habitantes uma fisionomia social *sui-gêneris*. Não é preciso mergulhar, porém, no passado dessas populações para compreender as diferenças que as extremam. O próprio *determinismo geográfico*, com as suas *barreiras naturais*, em muitos casos não superadas ainda, justifica plenamente as formas de vida social desses núcleos humanos.

O Triângulo Mineiro, por exemplo, com as suas imensas pastagens, oriundas de um regime latifundiário remoto, não se confunde, socialmente, com a Zona da Mata, de agricultura mais intensiva e com tendência pronunciada à pe-

quena propriedade e ao emprego de métodos racionais de aproveitamento do solo.

Quando, amanhã, se estudarem convenientemente essas duas regiões, com critério sociológico mais seguro, será fácil verificar que não é absurdo dizer-se que a vida social do Triângulo tem como base o *zebú*, assim como a Zona da Mata se alicerça na cultura dos cereais. O mesmo se poderá dizer com relação às demais zonas agro-pecuárias do Estado.

A área do centro, por exemplo, com a predominância do seu sub-solo riquíssimo vem criando, com a exploração do ouro, do manganês, do ferro e outros minérios, zonas sociais bem distintas, nas quais não é difícil descobrir-se uma intensa fusão de *culturas*, ora em detrimento das características nacionais, ora em benefício de seus habitantes. E' aí que a siderurgia promete criar uma sociedade baseada, exclusivamente, nas reservas do sub-solo.

Um plano para o estudo das possibilidades de Minas Gerais

Muitas considerações poderíamos alinhar aqui, ainda, a respeito dessas zonas sociais, que comportam um estudo minucioso e que estão à espera do sociólogo que as interprete nos seus justos termos. Nossa preocupação foi, apenas, apontar aqui, aos estudiosos da Sociologia Brasileira, um precioso plano de estudo para um mais perfeito conhecimento das possibilidades do Estado de Minas e dos grandes óbices que se opõem ao seu progresso.

Nossas observações nestas zonas sociais nos conduziram, porém, a uma conclusão que talvez possa servir de ponto de partida para o sociólogo: em Minas Gerais há um fato interessante que pode ser verificado, facilmente, pelo curioso das questões sociais. O Estado, dividido em nove áreas geográficas, perfeitamente distintas, leva-nos à seguinte conclusão:

Em algumas zonas, a terra se ajusta ao homem, satisfazendo as suas necessidades, mas em outras é necessário que o homem se ajuste à terra, conformando-se com a sua escassez de recursos. No primeiro caso, a simples introdução da técnica poderá determinar um grande surto de progresso; no segundo é preciso aumentar o grau de cultura do povo para que a pobreza da terra seja compensada pela fecundidade dos espíritos ou pela ação do homem.